

VACINA ANTIPIRATARIA

O BRASIL é um dos países com a maior biodiversidade do planeta. Isso significa que os ecossistemas por aqui existentes abrigam elevadíssimo número de espécies de seres vivos. Muitos deles ainda permanecem desconhecidos para a ciência. Vários desses organismos produzem proteínas com interesse médico. Há quem chegue a afirmar que as florestas brasileiras podem esconder a cura do câncer, além de outras drogas extremamente promissoras.

Há por certo algum exagero nessas esperanças. Mesmo assim, o potencial de reservas biológicas do Brasil é real. Seria insensato menosprezá-lo. É preciso conhecer melhor a flora e a fauna nacionais para ter as condições de transformar a riqueza potencial em remédios eficazes.

A tarefa não é absolutamente fácil. Lembra um pouco o desafio que é procurar uma agulha num palheiro. Somente na floresta amazônica existe algo em torno de 55 mil tipos de planta. Mesmo considerando o grau de dificuldade intrínseco a qualquer empreitada científica nessa imensidão, existem maneiras mais e menos inteligentes de proceder a esse tipo de busca.

Diante desse quadro, ganham interesse projetos como o do médico Elissaldo Carlini e da bióloga Eliana Rodrigues, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), com patrocínio da Fapesp, a agência de fomento à pesquisa do Estado de São Paulo.

Rodrigues passou dois anos entre os índios krahôs, do Tocantins, ma-

peando as plantas medicinais prescritas por sete curandeiros de três aldeias. Foi capaz de identificar 164 espécies vegetais, das quais 138 parecem ter algum tipo de ação sobre o sistema nervoso central.

A idéia aqui é tentar aproveitar o conhecimento dos povos da floresta. O saber acumulado ao longo de milhares de anos pelos pajés, apesar de não ser exatamente científico, tem valor médico. É razoável supor que os feiticeiros tenham sido capazes de selecionar para sua farmacopéia as espécies mais ativas. Seguir os seus passos pode ser um excelente atalho na pesquisa por novos remédios.

É claro que a seleção das plantas ou animais é só o começo de um longo e custoso processo, que requer testes "in vitro" e "in vivo", com animais e seres humanos. Para cada planta identificada que acaba se tornando um fitoterápico, cerca de dez outras ficam no meio do caminho, afirma Carlini. E o fitoterápico, é preciso dizê-lo, ainda é um produto bastante grosseiro quando comparado a uma droga comercial, com princípio ativo identificado e isolado.

De todo modo, como declarou Carlini à revista "Pesquisa", da Fapesp, "essa é a grande chance para a indústria brasileira". Mais do que isso, se pesquisadores brasileiros não a aproveitarem atuando no âmbito de programas oficiais, é quase certo que o saber dos índios acabe se tornando butim da biopirataria internacional.